

# Entrevista

## Professor Doutor Romero Tori



**Romero Tori** é engenheiro, doutor e livre-docente pela USP na Área de Tecnologias Interativas. É Professor-Associado III da Escola Politécnica da USP, na área de Engenharia de Computação, onde coordena o Interlab – Laboratório de Tecnologias Interativas. Ocupa também o cargo de Professor-Titular do Centro Universitário Senac, na área de *Design Digital*, onde coordena o Programa de Iniciação Científica e o Grupo de Pesquisa em Tecnologia Aplicada. Coordenou e tem desenvolvido diversas pesquisas em tecnologias interativas, com ênfase na aplicação em educação, saúde e entretenimento. É bolsista de produtividade do CNPq e autor, dentre outros trabalhos, do livro *Educação sem Distância*, pela Editora Senac. Publica o blog *Educação sem Distância* (<<http://romerotori.org>>).

### 1. Qual a sua definição de educação a distância?

Bem, na verdade, eu não tenho uma definição para educação a distância, porque, na minha concepção,

não existirá a possibilidade de aprender se as distâncias não forem rompidas. Veja, falei distâncias, no plural. Porque, além da distância física, existem a distância temporal e a distância transacional. Esta última é a mais importante, porque se refere a uma percepção de distanciamento, que pode ocorrer, inclusive, em atividades presenciais. As relações de distância na educação são ainda mais complexas, porque podem existir entre aluno e professor, mas também entre aluno e colegas e entre aluno e conteúdo. Em cada uma dessas relações, podem ocorrer quaisquer combinações de distâncias (física, temporal ou transacional). Com tantas combinações possíveis, não dá para termos apenas duas classificações: presencial ou a distância. De fato, existe um contínuo de possibilidades híbridas entre esses dois extremos. Por isso criei uma métrica que atribui um valor entre zero (totalmente distante) e 100 (totalmente presencial) para cada atividade de aprendizagem. A rigor, *educação a distância* seria aquela atividade que rece-

besse valor zero. No entanto, nessa condição, apenas se enquadrariam os antigos cursos por correspondência e que não tivessem nenhum tipo de interação com os alunos. Hoje, com as tecnologias interativas, todas as distâncias podem ser vencidas. É possível até que uma atividade *on-line* receba um valor de minha métrica mais alto do que uma atividade presencial. Por isso, em minhas pesquisas, não trabalho com o conceito “educação a distância”. O “mantra” que guia minhas atividades acadêmicas é a busca por uma “educação sem distância”.

## 2. Quais são suas pesquisas?

Pesquisa novas tecnologias interativas, como realidade virtual, realidade aumentada e *games*, e suas aplicações em educação.

**3. Como sabe, a origem do ato de estudar sem estar propriamente em uma sala de aula remonta a séculos passados. No Brasil, parece que não chegamos a tanto, mas sim no século XX, especificamente, nas décadas de 1930 e 1940, com o rádio e com o ensino por correspondência, este último prestado pelo Instituto Universal Brasileiro. Pela TV, há também o Telecurso, da Rede Globo. O senhor pode nos explicar melhor isso?**

Desde que os meios de comunicação surgiram, sempre se buscou utilizá-los na educação. Antes da internet, conseguíamos quebrar as distâncias físicas e temporais, mas somente com o computador e, posteriormente, com a internet e os dispositivos móveis é que foi possível começar a se quebrar as distâncias transacionais. Isso porque a interatividade é condição necessária para reduzir esse tipo de distanciamento. O Brasil é um país aberto a novidades tecnológicas (foi um dos primeiros, por exemplo, a implantar a telefonia e o rádio). Saímos a frente de muitos países no uso do rádio e da televisão na educação, assim como, mais recentemente, da internet. O nosso problema não é a demora em adotar novas mídias na educação, mas sim a demora em universalizar seu acesso.

**4. Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases, fundamentou-se a EaD no Brasil. De lá para cá, a oferta de cursos e a procura por eles aumentaram significativamente. Em sua opinião, qual a razão desse crescimento?**

São vários os fatores que contribuem para o crescimento da EaD. A partir do importantíssimo respaldo legal propiciado pela LDB em 1996, a demanda reprimida, principalmente em países continentais, como o Brasil, pode começar a ser atendida. No entanto, levaram-se alguns anos até que a sociedade perdesse o preconceito com a aprendizagem apoiada por recursos eletrônicos e metodologias interativas mais eficientes fossem desenvolvidas. O interessante é que, nesse meio-tempo, a educação presencial não evoluiu na mesma velocidade, e hoje são os cursos convencionais que correm atrás das tecnologias e das metodologias que os cursos *on-line* já utilizam faz tempo.

**5. A EaD é uma ferramenta democrática? Por quê?**

Sim. Entre outros aspectos, por atingir comunidades distantes dos grandes centros e por permitir flexibilidade de horários, fatores que certamente excluíam muitas pessoas do processo educacional convencional.

**6. A procura por cursos de pós-graduação a distância é um indicativo de que, além da classe C, há outros perfis socioeconômicos que procuram pela EaD? Por quê?**

Principalmente pela flexibilidade de horários e pela confiança de que a qualidade é a mesma de um curso convencional.

**7. Flexibilidade de horários, valores menores, distâncias encurtadas pelo computador, acesso à internet. O que mais leva um estudante a optar pela EaD?**

Um dos motivos, além dos citados, não é positivo. Trata-se de um preconceito de que seria mais

fácil fazer um curso a distância. Essa ilusão é logo desfeita, sendo uma das razões de evasão.

**8. Quais os desafios de se manter o aluno de EaD? Além de qualidade e preço, o que é preciso oferecer a esse aluno para que ele comece e conclua seu curso?**

Atrair novos alunos não é difícil, conforme comentado antes. Contudo, é um grande desafio manter um aluno virtual, mesmo desconsiderando aqueles que se matriculam em cursos *on-line* imaginando que será muito fácil e que, portanto, possuem grande probabilidade de evasão. No entanto, com métodos que envolvem interatividade, criação de um sentimento de grupo, acompanhamento personalizado e *feedback* constante, o aluno pode ser conquistado e ter um desempenho ainda melhor do que se estivesse frequentando uma sala de aula tradicional.

**9. Sabemos que há empresas que ficam satisfeitas por terem, em seus quadros de colaboradores, estudantes da EaD. A alegação é de que é um perfil disciplinado e que tem facilidade para lidar com a tecnologia. Está correto? O preconceito não existe mais?**

Sim. O preconceito está diminuindo bastante e, conforme mencionei antes, começando a se inverter. Alunos que fazem cursos *on-line* são vistos como mais adequados ao mercado de trabalho atual. Alguns cursos a distância começam a se destacar por terem seus alunos obtendo bons resultados no mercado de trabalho e em exames de avaliação.

**10. O ex-presidente da África do Sul Nelson Mandela foi estudante de Administração pela modalidade EaD enquanto esteve preso. O senhor se lembra de outros nomes de personalidades que também tenham cursado EaD?**

Grandes nomes das artes, ciências e política são, em geral, autodidatas e disciplinados. Em geral, essas pessoas possuem agendas compli-

çadas. Portanto, não deve ser difícil encontrar atividades de aprendizagem a distância, ainda que informais, em muitas dessas personalidades. Para ficar em um exemplo atual e local, cito a família Schurmann (famosos navegadores e aventureiros brasileiros). Durante suas expedições, que chegaram a durar anos, seus filhos estudavam a distância. Tem o caso do ex-presidente Juscelino Kubitschek, que estudou sozinho, em bibliotecas, e depois prestou exames para receber certificado do que seria hoje o Ensino Médio.

**11. Tem alguma curiosidade sobre a EaD que você possa nos contar?**

Falando sobre o fim do preconceito contra a EaD, ocorre-me que a última trincheira preconceituosa resiste justamente naqueles que deveriam defender essa modalidade de ensino-aprendizagem. Cito alguns exemplos: a legislação que regulamenta a EaD impõe que as provas sejam, necessariamente, presenciais e que os polos possuam bibliotecas com livros físicos (preconceito contra provas a distância e contra livros digitais); e o MEC é muito mais rígido ao avaliar e credenciar cursos a distância (exige, por exemplo, que todos os conteúdos das aulas estejam desenvolvidos e disponibilizados *on-line*, enquanto, para cursos presenciais, apenas são pedidas as ementas e a bibliografia de cada disciplina). Até mesmo os organizadores de eventos para discutir e difundir a EaD possuem, acreditem, preconceitos com atividades a distância. Recentemente, ao ser convidado para palestrar num desses eventos, propus uma apresentação a distância (na qual poderia, inclusive, explorar e demonstrar algumas técnicas de interatividade e redução de distância transacional). No entanto, a ideia foi gentilmente rejeitada, porque o evento era 100% presencial. É irônico pensar que promotores de eventos sobre EaD, ao saírem do discurso para a prática, não confiem na eficácia das tecnologias interativas na redução de distâncias, enquanto a sociedade, em sua maior parte, já as utiliza naturalmente em seu cotidiano.